

ANÁLISE DE UM CASO DE HISTERIA CASO DORA RESENHA DO CASO DORA E AS INTERLOCUÇÕES COM A CLÍNICA HOJE

Cindy Evelyn Martins Santos¹

Marcela Darley Mariano²

Gislaine Alves de Souza³

Introdução

Esta resenha aborda o estudo de um dos casos clínicos atendido por Sigmund Freud no ano de 1900 e publicado no ano de 1905. Sigmund Freud (1856-1939) nascido na República Tcheca foi um renomado médico neurologista que se dedicou a pesquisar a vida psíquica do sujeito. Desenvolveu em seus estudos o que chamou de estrutura do aparelho psíquico, denominando como instâncias psíquicas, nomeando-as como inconsciente, consciente e subconsciente e na segunda tópica a reelaboração da psiquismo em Id, Ego e Superego ficando conhecido como o pai da psicanálise. A Psicanálise foi apontada como a terceira ferida narcísica sofrida no saber ocidental por deslocar o efeito da razão e da consciência para um efeito da superfície do inconsciente regido pelos impulsos mais primitivos e imorais do sujeito (NASIO, 1999; GARCIA-ROZA, 1994).

O caso Dora, de Ida Bauer, foi o primeiro dos cinco grandes casos clínicos publicados por Freud, além das diversas vinhetas clínicas compartilhadas ao longo de sua obra. O texto sobre o qual debruçado “Fragmento da análise de um caso de histeria” inicialmente recebeu o título ‘Sonhos e Histeria, Fragmento de uma Análise’, e posteriormente, foi alterado para ‘Sonhos e Histeria’. A maior parte do caso foi escrita em 1901, mas sua publicação só aconteceu em 1905, quando Freud apontou uma segunda versão, redigida com alguns acréscimos e modificações. O próprio Freud descreve que a publicação só ocorreu quando o mesmo tivera a certeza de que a jovem havia se “curado” de seus sintomas e que foram tomadas as medidas cabíveis para preservar a identidade da jovem, de sua família e dos demais envolvidos no contexto do caso. O autor assegurou também que, caso a mesma pudesse ter acesso ao material publicado, haveria uma remota possibilidade dela, seus familiares ou pessoas próximas à família tomarem ciência de que o caso relatado se tratava de seu diagnóstico. Assim, Freud retrata preocupações éticas com a paciente, com a ciência e em fazer a psicanálise.

A jovem Dora, de 18 anos, foi tratada por Freud durante aproximadamente 3 meses (11 semanas) e recebeu dele o diagnóstico de Neurose Histérica. O Caso retrata a solução singular sintomática elaborada por Dora, os impasses clínicos que produziram reformulações teóricas e técnicas e para Freud, na época, evidenciava as paixões de Dora recalçadas que foram somatizadas.

A presente resenha pretende discorrer sobre as diretrizes que levaram Freud a chegar ao diagnóstico de Neurose Histérica da jovem de pseudônimo Dora, a partir dos sintomas apresentados e relatados pela mesma durante seu tratamento e refletir as interlocuções com a clínica hoje. Para tal, foi realizada análise crítica da

¹ Psicóloga e pós graduanda em Docência do Ensino Superior e Psicologia Hospitalar.

² Mestre em Psicologia e docente do curso de Psicologia do Centro Universo Belo Horizonte.

³ Doutora em Psicologia e docente do curso de Psicologia do Centro Universo Belo Horizonte.

obra de Freud, que foi publicada na Edição Standart Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume VII.

Desenvolvimento

Sigmund Freud iniciou o tratamento de Dora a pedido do pai da menina, que havia presenciado um desmaio da filha. Quando iniciou o tratamento, a jovem tinha 18 anos e a intervenção não durou mais que três meses, tendo o acompanhamento interrompido por vontade da jovem, que não retornou mais aos encontros. Esta interrupção fez com que Freud deixasse algumas lacunas na análise do caso, mas ainda assim, conseguiu chegar ao diagnóstico de Neurose Histérica.

A primeira solicitação de Freud para realizar o acompanhamento de Dora foi ouvir a biografia do pai da garota. Este girava idade em torno dos 50 anos de idade e começou a adoecer quando a filha tinha por volta dos seis anos de idade. O primeiro problema de saúde apresentado pelo pai da menina foi a tuberculose. Esta enfermidade obrigou toda a família a se mudar para uma cidade denominada no relato do caso como sendo a 'localidade B', com ares mais puros e calmos para auxiliar no tratamento e recuperação do enfermo. Após o sintoma da tuberculose apresentado pelo pai, quando Dora tinha 10 anos, surgiu nele um problema de deslocamento de retina, obrigando-o a ficar recluso em um quarto escuro para amenizar o desconforto em seus olhos. Aos 12 anos de idade, Dora presenciou o pai tendo crises confusionais, sintomas de paralisia e perturbações psíquicas. Foi neste momento, que um amigo que já conhecia a fama de Freud como psiquiatra em Viena, o convenceu a procurá-lo e iniciar um tratamento médico com ele. O pai de Dora, após consultar o médico em 1894 e seguir o tratamento indicado, teve uma considerável melhora em seu estado de saúde.

Os primeiros sintomas de Dora começaram a surgir quando a menina tinha 8 anos de idade, apresentando dispneia crônica com acessos ocasionais mais agudos. Isto ocorreu após uma excursão que a mesma fez às montanhas. Foi relatado pela família que seu irmão sempre que contraía uma doença, esta se manifestava de forma branda, mas logo seguia a menina em um processo de adoecimento com manifestações mais agudas. Aos 12 anos, Dora apresentou sintomas de dores de cabeça seguidos de tosses nervosas que inicialmente apareciam juntos, mas depois se fragmentaram. As dores de cabeça tornaram-se mais raras e por volta dos 16 anos da garota, desapareceram por completo. A tosse que havia começado com uma gripe, persistiu por um longo período de sua vida. Aos 18 anos, já em tratamento com Freud, o quadro de tosse se evidenciava e em certos momentos ocasionava na maioria das vezes perda completa da voz.

O tratamento da menina junto a Freud iniciou a pedido do pai, que já havia sido seu paciente e estava ficando preocupado com o estado de saúde apresentado por sua filha, assustando-se quando presenciou o primeiro desmaio de Dora e uma carta em que despedia dos pais

Quando residiam em B, a família fez amizade com outra família denominados por pseudônimo K. O pai de Dora relatou a Freud que cativara uma amizade íntima com a Sra. K, pois ela o havia ajudado com muita dedicação durante todo o período em que se manteve enfermo. As famílias criaram uma relação de amizade entre si e a convivência entre ambas se estreitou dia após dia.

Sr. K se apresentava sempre muito amável com Dora e em um passeio junto a menina no entorno do lago, realizou investidas amorosas à garota, assustando-a e fazendo com que retornasse imediatamente para a casa onde morava com sua família na qual relatou a seus pais o que havia acontecido. Os pais de Dora não deram importância ao relato, dando a entender que se tratava de uma fantasia infantil da menina.

A partir deste momento, Dora desenvolveu um sentimento de mágoa pelos pais, pois se sentiu como uma moeda de troca, onde para poder continuar as investidas junto a Sra. K, o pai de Dora estava fingindo não perceber as investidas do Sr. K para a menina e assim não teria nada para atrapalhar seu relacionamento.

Sr. K certa vez surpreendera Dora em sua loja, prensando-a na parede e projetando-lhe um beijo. A menina que na época possuía a idade de 14 anos se assustou com o ato e saiu correndo em disparada para a rua da cidade. Relatou a Freud que naquele momento sentiu repugnância, sensação de pressão na parte superior do corpo e passou a se enojar sempre que visualizava homens em situações amorosas ou afetivas com outras mulheres. Quando Freud questionou Dora se ela conhecia os sinais de excitação de um corpo masculino, Dora disse que sim no momento atual, mas não achava que não quando tinha 14 anos.

É neste momento que Freud faz a primeira menção ao recalçamento; quando relata sua análise sobre os eventos descritos por Dora ocorridos na loja do Sr. K. Freud descreve observar presentes ali três sintomas:

A repugnância, a sensação de pressão na parte superior do corpo e a hesitação a homens em conversas afetuosas com outras mulheres. Estes sintomas provinham de uma mesma experiência e somente levando em conta a interpretação destes três signos é que se é possível compreender o processo de formação dos sintomas. O nojo corresponde ao *recalçamento* da zona erógena dos lábios. A pressão do membro ereto provavelmente levou a uma alteração analógica no órgão feminino correspondente ao clitóris e a excitação desta segunda zona erógena foi fixada no tórax por deslocamento para a sensação simultânea de pressão. (Freud, [1905] 1996:19-20).

Para Freud, Dora censurava o relacionamento do pai com a Sra. K, mas passou a ser cúmplice desta relação já que passou a desejar não ser censurada de sua relação com o Sr. K. Dora projetou o sentimento que não pudera destinar ao pai ao Sr. K e por mais que quisera recusar de forma racional este sentimento amoroso a jovem simbolizava esta censura somatizando em seu corpo.

Em um dado momento de sua análise com Freud, Dora relatou perceber que a Sra. K sempre se adoentava quando o Sr. K retornava de suas viagens. Freud então fez a observação de que a perda de voz de Dora estava igualmente relacionada ao Sr. K, entretanto em via contrária ao sintoma da esposa do mesmo. Freud concluiu que sempre que o Sr. K viajava, Dora perdia a voz, pois não haveria mais a presença de seu amado para conversar, entretanto, a mesma adquiria melhora em suas habilidades de escrita pois correspondia-se com o mesmo por cartas.

O conceito de repetição em Freud atua como o retorno do recalçado, onde a representação da pulsão recalçada tenta assumir a consciência, entretanto, ao chegar à barreira do recalque exercida pela repressão, assume uma forma simbólica através de um dos representantes psíquicos, como por exemplo, os sonhos, onde Freud afirma que “todo sonho é como um desejo que se representa

como realizado.” (Freud [1905] 1996:43)

Freud descreve observar o ato da repetição em Dora quando afirma que:

A determinação do sintoma no caso de Dora é por demais específica para que se possa pensar na repetição frequente dessa mesma etiologia acidental, Sempre que seu amado vai embora, a mesma apresenta tossis agudas e perda da voz. Mas sempre que ele está prestes a retornar tudo se normaliza. (Freud, [1905] 1996:26)

Segundo Freud a histeria está numa esfera somática pontuando que os processos psíquicos em todas as psiconeuroses, são os mesmos, durante um extenso percurso, até que entre em cena a complacência somática. Esta proporciona aos processos psíquicos inconscientes uma saída de algo na psique para algo no corpo, tornando-se um sintoma físico.

Dora percebeu que o pai demonstrava mais afeição e destinava mais atenção a ela sempre que a mesma estava doente, portanto, a menina encontrou uma função para suas doenças; afastar o pai da Sra. K e voltar a atenção do pai para a filha adoentada. Segundo uma regra que Freud pudera confirmar repetidamente pela experiência, mas que informou na época não se atrever a consolidar num princípio geral:

o sintoma significa a representação - a realização - de uma fantasia de conteúdo sexual, isto é, uma situação sexual. Melhor dizendo, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual, enquanto para os outros significados não se impõe tal limitação do conteúdo. (Freud, [1905] 1996:30)

A fantasia de Dora estava em afastar o pai da Sra. K utilizando sua doença para alcançar seu objetivo. Freud pontua que o sintoma é algo indesejado para a vida psíquica do sujeito, entretanto, encontra-se uma função secundária, geralmente esta descoberta ocorre inicialmente na infância, quando a criança percebe que basta adoecer para não ter mais que disputar a atenção e afeição de seus pais com outros membros da família.

Freud descreveu a tosse de Dora como uma experiência de satisfação sexual e informou que o conhecimento sexual da menina é fruto da perversão que todos nós temos, apontando que a zona erógena (boca) é por onde ocorre a primeira experiência de satisfação sexual. Uma vez que a criança se alimenta por vias orais em contato com o seio materno, experiência esta afixada na fase oral, presente no desenvolvimento da personalidade conforme a teoria de Freud, experimenta o abastecimento da sua pulsão sexual.

Dora desenvolveu o hábito de chupar dedo, o que perpetuou da primeira infância até por volta da idade de 4 ou 5 anos. O que é representado como um deslocamento do objeto de desejo que se inicia no seio materno, desloca-se para o dedo e posteriormente para o órgão sexual.

Em um dado momento de sua análise, Freud identificou que Dora projetava no pai um sentimento de inveja, pois o mesmo detinha o amor da Sra. K. Foi neste momento que percebeu que Dora estava apaixonada por ela também. A partir deste ponto nos convidou a pensar que a sexualidade é um fator transitório e que nosso objeto de desejo pode sofrer alteração de acordo com nossos interesses pulsionais recalçados e fantasiados, assumindo uma forma simbólica do desejo não atendido e até mesmo a bissexualidade.

Sempre que se deparava com um enfermo na família, Dora projetava posteriormente os mesmos sintomas, porém mais agravados, foi assim que se queixou por dias de dores estomacais agudas, as mesmas dores apresentadas pela prima em uma passagem de Dora por sua casa.

A diurese foi um sintoma que ocorreu à Dora até pouco antes de adoecer pela primeira vez aos 8 anos e foi nesta idade, na aparição do seu primeiro ataque de dispneia, que seu pai realizou uma viagem pela primeira vez desde que havia melhorado de saúde.

Freud deduziu que o primeiro sintoma por ela apresentado na infância, a dispneia, provavelmente ocorrera porque a menina deveria ter escutado uma relação sexual dos pais e o som da respiração ofegante, por ela ouvido, pode ter se relacionado com o sentimento de angústia, pois, o pai quando tuberculoso tinha dificuldades para respirar, então a menina associou que o mau causado ao pai provavelmente fosse culpa da mãe que o ocasionava respiração ofegante durante o ato sexual. Portanto, quando estava em sua excursão, e por estar sentindo saudades do pai que estava em viagem, no momento de escalada a montanha estava experienciando uma respiração curta e ofegante, o que provocou lembrança do mal-estar sentido pelo pai e o desencadeamento da dispneia como um de seus sintomas histéricos. O sintoma do catarro presente na garota também foi associado à sua identificação com os sintomas proferidos pelo pai enquanto esteve enfermo e relacionado ao ato de urinar na cama em sua infância.

Em meados de seu tratamento junto a Freud, Dora relata seu primeiro sonho, informando ser algo recorrente e que acontecia sempre da mesma forma. Segue o relato do primeiro sonho descrito por Dora:

Uma casa estava em chamas, papai estava ao lado da minha cama e me acordou. Vesti-me rapidamente. Mamãe ainda queria salvar sua caixa de joias, mas papai disse: 'Não quero que eu e meus dois filhos nos queimemos por causa da sua caixa de joias.' Descemos as escadas às pressas e, logo que me vi do lado de fora acordei. (Freud, [1905] 1996:40)

Em análise a este sonho, desvendando todos os enigmas por ele apresentados, Freud chegou à conclusão que se tratava do desejo de Dora ver seu pai como seu salvador, uma vez que o mesmo a expusera ao perigo quando invalidou sua queixa sobre as investidas do Senhor K a ela.

Foi analisando os enigmas do primeiro sonho de Dora que Freud identificou que a menina, em algum momento, o havia desejado sexualmente, demonstrando assim a transferência para o com o mesmo, mas ele não percebeu a tempo. A diurese projetada por Dora até mais ou menos os 8 anos de idade tinham relação com seus pensamentos sexuais reprimidos por ultrapassarem a barreira da moralidade para uma garotinha.

Já quase ao final de seu tratamento e apenas algumas semanas depois de relatar o primeiro sonho, surge um segundo sonho descrito por Dora, este, entretanto não se pôde torná-lo tão transparente quanto o primeiro, mas permitiu esclarecer alguns de seus sintomas e preencher algumas lacunas de sua memória.

Segue o relato do segundo sonho descrito por Dora:

Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava,

fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. Agora ele morreu e, se quiser, você pode vir. Fui então para a estação [Bahnhof] e perguntei umas cem vezes: Onde fica a estação? Recebia sempre a resposta: Cinco minutos. Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: Mais duas horas e meia. Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha de ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: A mamãe e os outros já estão no cemitério. (Freud, [1905] 1996 :60-61).

Em análise a este sonho, os enigmas por ele apresentados, Freud chegou à conclusão que Dora desejaria ter tido um outro desfecho para o incidente no lago quando recebeu a investida amorosa do Sr. K, mas saiu correndo. Por conta disso, o seu inconsciente tentou corrigir aquela fantasia fazendo-a ter a sensação de um parto posteriormente, através de um sintoma histérico apresentado pela mesma de forma tardia com uma causa somática, mas apresentado por viés orgânico, e que teve origem psíquica, a apendicite.

Dora na véspera em que sua tia faleceu, a teria de ter visitado, entretanto, foi impedida pois seu tio informou à família que o primo de Dora estava enfermo com apendicite. A menina que a princípio não sabia o que era, buscou informação em uma enciclopédia e dotada da informação dos sintomas da doença, mais tarde apresentou o mesmo quadro de sintomas. Quando questionada se foi antes ou depois do episódio do lago, a mesma informou que havia sido a exatos nove meses, após o evento em questão. Esta informação foi de suma importância para que Freud pudesse ter chegado a tal desbravamento de seu sonho. Após este evento, Dora realizou sua última visita a Freud e se despediu do mesmo, informando que não mais voltaria.

Conclusão:

O objetivo de Freud com a publicação deste caso estava relacionado a dois propósitos, o primeiro era relacionar a análise dos sonhos anunciados por Dora com a publicação de seu livro a interpretação dos sonhos, mostrando como essa ferramenta pode ser de suma importância para desvendar o material recalcado pelo sujeito. O segundo está relacionado a desvendar os entrelaces históricos por meio das relações da neurose com o psiquismo, tendo a angústia sendo somatizada e apresentando relações com o orgânico, ou seja, tendo causa no psiquismo e efeito no corpo. O caso contém bastante informação, permitindo acompanhar as conclusões apresentadas por Freud em sua análise. Após a realização da leitura e a compreensão da análise deste caso, é possível concluir que existe uma relação somática do orgânico com o psíquico e que os sonhos são uma forma de escoamento do material recalcado sendo evidenciados de forma simbólica. A paciente Dora apresentou sintomas da Neurose Histérica, desenvolvendo no corpo sinais das suas pulsões psíquicas que lhe causaram tais atravessamentos de modo que precisaram ser recalcados para o inconsciente e por se tratar de um caso de neurose, fica evidente que a mesma vivenciou o Édipo de modo complexo e simbolizou fazendo sintomas somáticos acerca do material recalcado.

Nesse caso clínico, Freud ensina sobre a histeria como expressão de desejo recalçados e etiologia psicossocial; a transferência; a bissexualidade constitucional; o tratamento para preenchimento das lacunas mnêmicas e esclarecimento dos sintomas; a contribuição dos sonhos para construção na análise o material recalçado chegar à consciência. Realiza orientações técnicas: sobre não realizar anotações ao longo da sessão para não gerar desconfiança ao paciente, sobre permitir que o paciente escolha o tema de cada sessão escutando o que se relaciona com a solução do sintoma. O papel do analista como arqueólogo e os limites em responder a todas as questões levantadas pela histeria. E explica que somente por volta do final do tratamento que a história é inteligível.

Desse modo, a associação da histeria ao sofrimento por reminiscência parece desde os primeiros escritos freudianos e frente a reação recalçada a emoção permanece vinculada a lembrança e na análise a linguagem serve de substituto para ação, ao longo do tratamento o paciente adiciona o que reteve. Visa possibilitar o esclarecimento de enigmas psíquicos evitando o desdobramento e reprodução de sintomas. A análise possibilitaria Dora questiona-se o porquê acontece com ela: com quem ela se identifica e porque ela sustenta essa reprodução nas relações que estabelece podendo reposicionar-se diante da falta.

Outras contribuições para a clínica hoje, é interpretar que a afonia de Dora poderia dar-se a dificuldade em ser escutada e acolhida nas violências de gênero vivida pelo Sr. K, sentindo-se usada pelo pai e não escutada na análise encerrado o tratamento. Freud aborda a inevitabilidade de abordar temas sexuais na clínica, contudo ainda coloca a discussão da sexualidade no sentido amplo para psicanálise no registro genital. O autor propõe a Dora interpretações hierarquizadas com propósito de reconstruir a verdade inconsciente de Dora e para ele a meta de Dora era sensibilizar o pai e afastá-lo da Sra K. Dora relembra a complexidade do Édipo, o sintoma como resolução de compromisso (investimento em sua preservação) e a tentativa de simbolizar a insatisfação na relação consigo mesma e com os seus. A partir da escuta o paciente pode ter recursos para responder por outros meios que não pelo sintoma. A clínica, no caso Dora, possibilita questionar no excesso de sugestão como atualizar o conflito que vive com Freud e interromper o tratamento ou ainda pensar que a transferência e a contratransferência tem raízes na posição subjetiva e também social, que é política. Na leitura da sociedade da época, em um contexto que Freud possibilita tratar as mulheres e escutá-las, mas ainda naturaliza as violências e objetificação por elas vividas.

A interlocução com a clínica hoje, nos ensina sobre a escuta, a clínica, a ética, a técnica, a política, o equívoco, o sonho, a histeria, a transferência e que o analisando constrói e reconstrói sentido sobre sua história.

Referências

- FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.VII.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. 1936. Freud e o inconsciente, 24ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- NASIO, Juan-David. O prazer de ler Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.